

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DO SUJEITO EM TRÂNSITO

Ana Cristina dos Santos (UERJ)

anacrissuerj@gmail.com.br

Viviane de Medeiros Macedo (UERJ)

viviane.mmacedo@gmail.com

RESUMO

Desde as últimas décadas do século XX, os deslocamentos espaciais, individuais ou coletivos são temas cada vez mais frequentes na literatura de autoria feminina contemporânea. O conto autobiográfico "Travesías", da escritora argentina Aileen El-Kadi – da obra *Sam no Es mi Tío: Veintidós Crónicas Migrantes y un Sueño Americano* (2012), organizada por Aileen El-Kadi e Diego Fonseca – expõe os vários deslocamentos territoriais pelos quais a autora passou em sua vida e o constante processo de (re)construção da sua identidade para tentar adaptar-se a cada local de chegada. A partir do conto de Aileen El-Kadi, este trabalho tem como objetivo analisar e discutir as causas e as consequências desses constantes deslocamentos para a identidade do sujeito feminino. Para tanto, utilizam-se os textos teóricos de Stuart Hall (2005), María Luisa Femenías (2013), Sandra Regina Goulart de Almeida (2013) e Marc Augé (2007) para discutir a mulher no espaço social atual e sua representação na literatura de autoria feminina, a cultura do hegemônico, o multiculturalismo e as questões de identidade e de gênero.

Palavras-chave: Construção da identidade. Sujeito em trânsito. Gênero.

1. Introdução

Desde o século passado, grandes mudanças vêm ocorrendo nas sociedades causadas, principalmente, pelos meios de transportes e pela passagem do mundo analógico para o digital. As distâncias ficaram menores. Algumas das fronteiras que conhecíamos foram redesenhadas e redefinidas. Uma das que se tornou mais tênue foi a geográfica, devido às mobilidades causadas pelo turismo, pelas guerras, ou pelas crises econômicas, políticas ou sociais – presentes na maioria dos continentes. Os constantes contatos interculturais provocados por esses deslocamentos tornam o espaço cada vez mais híbrido, ou seja, marcado pela mistura de raças, etnias e línguas que contribuem para debilitar as noções de pureza e homogeneidade cultural.

Como consequência, tais espaços híbridos provocam no migrante um questionamento sobre os conceitos que remetem à ideia de pertença única – território, língua e costumes. Conceitos esses, que antes de sua

saída, o colocava em uma zona de conforto, por se tratar da cultura de seu país de origem. Essa indagação gera a construção de novas formações identitárias, pois ele passa a ter conhecimento do “outro” e se dá conta do seu próprio “eu” por meio das comparações feitas no território de chegada.

Por tal motivo, abordar o tema do deslocamento – individual ou coletivo – nas sociedades contemporâneas é, fundamentalmente, abarcar as questões identitárias presentes nesse sujeito fracionado, pois o transitar “desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades” (IANNI, 2000, p. 14). As identidades afetam e são afetadas pelos deslocamentos, já que o sujeito errante perdeu as bases sobre as quais sustentava e construía a sua identidade ao habitar os entrelugares provenientes dos espaços de movência, em um processo constante de desenraizamento. Com isso, experimentam identidades móveis, híbridas e traduzidas¹.

A literatura contemporânea reflete esses questionamentos identitários decorrentes das travessias pelos espaços urbanos. A obra *Sam no emi tío: veintidós crônicas migrantes y un sueño americano* (2012), organizada por Aileen El-Kadi e Diego Fonseca, exemplifica bem as rupturas decorrentes do “viver/estar entre dois mundos”. As crônicas relatam as experiências vivenciadas não só por esses dois escritores, mas também por outros latino-americanos que cruzaram a fronteira para os Estados Unidos e as adversidades enfrentadas – violência, preconceito e xenofobia, por exemplo – ao tomarem a decisão de viver ou apenas “estar de passagem” nesse país.

Para tanto, toma-se como ponto de partida a crônica “Travesías”, de Aileen El-Kadi. A autora nasceu no Brasil, viveu no Brasil e na Argentina e, atualmente, reside nos Estados Unidos. É originária de uma família multicultural. Em “Travesías”, a escritora faz um relato de sua vida, mostrando os conflitos identitários sofridos por ela (e pela grande maioria dos imigrantes), provenientes dos vários deslocamentos territoriais enfrentados em sua juventude, para tentar adaptar-se a cada local de chegada e a busca pelo sentimento de “pertencer” ao país estrangeiro em que vive. A partir do conto da escritora, este trabalho tem como objetivo analisar e discutir as causas e as consequências desses constantes deslocamentos para a (re)construção da identidade do sujeito feminino.

¹ Conforme o conceito de tradução cultural (HALL, 2005, p. 87-89).

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A crônica é narrada em primeira pessoa e é uma referência à própria vida da autora. Nela, a narradora-personagem (que é a própria autora) conta sobre os vários deslocamentos sofridos em sua vida e suas conseqüências para quem é hoje. Relata que seu pai é egípcio e sua mãe de origem alemã. Ambos se conheceram quando ele resolveu estudar na Alemanha. Casaram-se em 1969 e resolveram viver nos Estados Unidos (Nova Iorque). No início dos anos 70, decidiram ir para a Argentina onde nasceram as duas filhas do casal e, depois, foram para o Brasil (Bahia/Ilhéus). No fim dos anos 80, as meninas regressaram à Argentina para terminar o ensino médio e iniciarem o ensino superior. Em 2000, a narradora decidiu ir para os Estados Unidos e cursar o doutorado.

Depois dessa breve trajetória de sua história, verifica-se que o título remete às fronteiras pelas quais a narradora-personagem (ou a própria autora?) atravessou ao longo de sua vida, sugerindo “lugares de passagem”. Refere-se não só às travessias de territórios feitas por ela, mas também ao processo de travessias do seu próprio “eu”, isto é, o entendimento de si mesma por meio do contato com a alteridade. Como declara Octavio Ianni (2003),

no mesmo curso da travessia, ao mesmo tempo em que se recriam identidades, proliferam diversidades”. Percebe-se, durante o relato, os processos de mudança sofridos por El-Kadi, confirmando que “aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa. (IANNI, 2003, p. 31)

Assim como a narradora-personagem, a narrativa também se encontra fragmentada. A crônica é dividida em quatro partes – “Desajustes”, “El trayecto”, “El formulario” e “La herencia” – em cada uma delas, a narradora-personagem narra flashes da sua memória. A história não acontece em uma sequência cronológica, mas é contada conforme as negociações identitárias realizadas a fim de dirimir os desajustes em viver e transitar por diversos espaços urbanos. Por meio das interseções entre esses espaços, entre um flash e outro, a narrativa espelha a sua identidade fracionada.

2. A literatura transnacional e sua importância

Por causa das discussões entre identidade, espaço, tempo, contatos interculturais – todas relacionadas com a diáspora – na literatura contemporânea, surge a dúvida de como classificar a literatura de autores tão mesclados culturalmente, que passaram pelo processo de desterritorialização e reterritorialização – sejam como turistas, exilados ou migrantes –

encontram na escrita o lugar em que refletem sobre essas experiências e suas identidades fraturadas. A professora Zilá Bernd (2010, p. 13) afirma que “classificar as literaturas pela pertença a uma única nação tornou-se não apenas complicado, como cada vez mais irrelevante”. É irrelevante separá-las dessa forma, porque esse conceito de literatura nacional está se tornando cada vez mais desgastado pela diversidade cultural com o passar do tempo, dando lugar às questões sobre a criação de uma literatura transnacional.

A literatura transnacional não traz a ideia de um sentimento de nostalgia, de perda do território que deixou, como a literatura migrante, mas uma conscientização das frestas existentes entre essa mistura de culturas que os escritores deslocados carregam e a convivência sem crises identitárias por conta disso. Tornam-se conscientes de que houve uma perda cultural em relação a sua cultura de origem, mas também um ganho com os aportes da cultura de chegada.

Os escritores transnacionais, tal como Aileen El-Kadi, produzem relatos nos quais aparecem os sujeitos fragmentados que se descobrem sem raízes fixas pelas constantes viagens. Rompem com as ideias centrais, exaltam as periféricas e mostram, através da sua escrita, as características híbridas que carregam dentro de si. Abandonam qualquer tipo de preconceito, já que a ideia é conhecer e reconhecer que cada povo tem seu valor. “Decididamente, os escritores que estão produzindo uma literatura transnacional eliminaram todo tipo de gueto, seja ele nacional, territorial ou linguístico”. (FIGUEIREDO, 2010, p. 39)

Mesmo que em boa parte de sua vida a narradora-personagem tenha tentado se assimilar às culturas dos países pelos quais atravessou e encontrar respostas que explicassem as fissuras que estavam presentes em sua identidade, é possível perceber que ela se descobre como sujeito e como os questionamentos sobre sua identidade e a necessidade de uma pertença única ficam mais claras, a partir do momento que toma conhecimento das experiências de seus pais e entende sua herança nômade, se aceitando como sujeito fragmentado que é.

3. A mulher nessa tendência literária

É de grande importância a literatura transnacional, pois discute sobre etnias, raças e religiões, visando tirar o sujeito que está à margem para dar voz a ele. A sociedade só é transcultural quando levanta essas

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

questões, rompendo com os conceitos hegemônicos e ressaltando o excludente, o diferente. Dessa forma, passa a incluir também em suas discussões a mulher.

Hoje em dia, é cada vez mais relevante o estudo dos feminismos e o trânsito de teorias que envolvem esse tema para que a mulher consiga cada vez mais ocupar um espaço diferente daquele que sempre foi determinado pela sociedade patriarcal. Sociedade essa que escolhia o seu papel e tirava sua autonomia.

A mulher precisa do seu reconhecimento no mundo por meio da luta pela autodesignação e a construção da sua própria identidade, sem interferência do cânone dizendo qual é o seu papel na sociedade. Precisa se autoafirmar no seu espaço, saindo do privado para o público. A realidade só existe quando é nomeada e a mulher se dá conta de que nomear é ter poder. Assim, precisa escrever a sua própria história para se autoneamar, desconstruir e reconstruir novas noções de poder. Só assim terá voz própria. Ninguém melhor que a mulher para escrever sobre sua história, pois somente ela passou por essa experiência.

Falar do universo feminino diversificado na literatura é uma maneira de desestabilizar as ideias hegemônicas que sempre foram privilegiadas e ainda são. É substituir o conceito de identidade essencialista por uma em constante processo de formação, conforme assevera Fernando de Toro (2010):

La clave reside en reemplazar la construcción esencialista por una noción nómada, *siempre-en-proceso* de anclaje, que sea negociada cada día y que nunca logre clausurarse (...) Hoy, en nuestro hábitat diaspórico, las identidades entran en diálogo, son confrontadas, intercambiadas y, por lo tanto, están siempre en proceso de ser “contaminadas” con respecto a un origen dado. (TORO, 2010, p. 19)

Fernando de Toro propõe “la identidad de la diferencia” (2010, p. 19). Essa quebra da identidade essencialista retira a mulher do espaço privado, que lhe foi imposto e habitado por ela durante toda a história da humanidade, e a coloca no público, tornando-a cada vez mais visível nesse novo espaço. Não aborda somente da mulher de uma maneira generalizada, mas de suas particularidades, vivências e papéis que possuem nas sociedades – como a mulher índia, a negra, a mestiça, a transexual –, enfim, mulheres que fazem parte do mundo globalizado e que desejam ocupar como tal seu espaço na literatura atual.

É muito importante, então, uma literatura voltada para a realidade social dessas mulheres que ainda estão à margem da sociedade em pleno século XXI. Juntando essas questões sociais com as da diáspora, verifica-se um aumento da literatura autobiográfica, mostrando seu comprometimento com a verossimilhança.

Ao inseri-las na literatura contemporânea, nossas escritoras estão lutando por uma conscientização da sociedade no que diz respeito à aceitação, sem julgamentos de valor, de um mundo em movimento e com constantes mudanças, isto é, de um mundo multicultural.

Aileen El-Kadi e sua narradora-personagem autobiográfica de “Travesias” representam muitas mulheres que fazem parte da sociedade atual. São mulheres que saíram da sua pátria por motivos variados para viver em outra e que são obrigadas a enfrentar todo tipo de problemas para serem aceitas como sujeitos híbridos, autênticos, que se tornaram.

4. O deslocamento e suas consequências

Com a ida para outro território, o sujeito em trânsito, de uma maneira geral, passa por um processo de desconstrução e reconstrução da sua identidade para tentar adaptar-se a essa nova cultura. Na contemporaneidade, a grande maioria das migrações ocorre dos países menos desenvolvidos economicamente para os mais desenvolvidos, ou seja, dos países do hemisfério Sul para os do Norte. Essa movência não ocorre somente por razões econômicas, mas também porque ainda hoje vigora a cultura eurocêntrica que valoriza os continentes europeu e norte americano e, conseqüentemente, seus costumes. Busca-se por melhores condições de vida nesses grandes centros urbanos, mesmo com a possibilidade de viver na ilegalidade, como nos assevera Silviano Santiago (2004, p. 52):

A desigualdade social na pátria vem propondo um salto para o mundo milionário e transnacional. [...] Esse salto é impulsionado pela falta de opção pela melhoria econômica e social na própria aldeia e, muitas vezes, nos pequenos centros urbanos do próprio país. [...] Os desempregados do mundo se unem em Paris, Londres, Roma, Nova Iorque e São Paulo. [...] Ainda jovens e fortes, querem ganhar as metrópoles do mundo pós-industrial. [...] Muitas vezes sem a intermediação do necessário visto consular.

Para ser “aceito” pela sociedade e adaptar-se aos padrões da cultura do país de chegada, o sujeito diaspórico se submete a um processo de aculturação, no qual assimila a cultura local, tentando “apagar” tanto a

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

língua quanto os costumes da sua cultura de origem. Toma tal atitude, porque seus costumes são vistos de forma inferiorizada pela cultura local – a canônica. Essa prática tem um caráter sociopolítico que busca homogeneizar as diferenças e preservar a identidade nacional.

No conto “Travesías”, fica bem evidente esse processo de assimilação. A narradora-personagem percebe que há, a cada novo território de chegada, um sistema sociopolítico que busca territorializar o migrante, o qual a leva a atuar como “se fosse” nativo. Sob essa perspectiva, tenta que seus costumes se pareçam ao máximo com os dos habitantes do lugar e, desse modo, enfrente de forma menos rigorosa o preconceito por ser estrangeira.

El mecanismo que había desarrollado en todos esos años para llevar a cabo estas identidades temporarias era bastante simples y eficaz: observar, seleccionar, practicar, reproducir. Pero lo cierto es que estas transiciones camaleónicas terminaron, al cabo de un tiempo, por crearme un cierto pánico, un estrés ante la posible inminencia de otro nuevo cambio, y un temor a quedarme sin un disfraz que vestir, sin *performances* que llevar a cabo. Cada vez me parecía más complejo separar las identidades anteriores de la actual, pasar de un contexto a otro [...]. (EL-KADI, 2012, p. 25)

Esse processo de imitação dos padrões culturais se intensifica, principalmente, quando a narradora-personagem resolve viver nos Estados Unidos. Ela percebe que há uma teia sociopolítica que obriga os imigrantes a mudarem os comportamentos culturais do país de origem para o de chegada a fim de viverem nesse novo território.

Con los años fui descubriendo que había en la sociedad una malla doble, un doble canal, un doble sistema: uno visible, el otro camuflado. Claro, existía en el ambiente calma, orden, limpieza, organización, tolerancia, la buena convivencia ciudadana. Un estado de control y tolerancia que parecía permitir todas las pluralidades y diferencias, pero que, en realidad, anulaba y homogeneizaba la gente. Excluía sin hacer alarde de tal exclusión. Te aceptaba como eras, pero te obligaba a moldearte a un modelo muy restringido. (EL-KADI, 2012, p. 33)

O fato de não poder ser quem realmente é (uma estrangeira com costumes diferentes) faz a narradora-personagem viver sob uma máscara. Tal atitude gera um desgaste emocional. Daí a necessidade das “transições camaleónicas” (EL-KADI, 2012, p. 25) com as quais imita os padrões culturais para tentar parecer um indivíduo “normal” – um nativo – na sociedade em que vive. Com isso, acaba se tornando um ser deslocado, porque não consegue se enquadrar nos moldes sociais preconizados, gerando uma crise identitária.

A narradora-personagem sente falta de um local de origem, de possuir raízes que a fixem em um território, ou seja, de pertencer a um lugar único, impossível para quem viveu em um constante deslocamento – do Brasil para a Argentina, da Argentina para a Espanha, de volta a Argentina e daí para os Estados Unidos. Afirma que “*en mi caso, eso significa retornar a la constatación de una absoluta falta de identidad coherente, y lo que era peor a mi parecer auténtica*” (EL-KADI, 2012, p. 26). Tal fato a conduz a procura de um lugar onde possa se encontrar novamente, já que não se adapta a nenhum território em que vive, pois a sociedade não a reconhece como sujeito e a põe à margem.

Por meio do relato, é possível perceber o reflexo do viver entre duas ou mais culturas que origina um ser em conflito identitário, que tenta encontrar o seu lugar no mundo. Esse desajuste cultural gera seus constantes deslocamentos e a obsessão por conhecer suas raízes, que lhe dará o seu lugar de pertencimento. É como se conhecer a sua origem, a sua raiz fosse trazer um conforto, um encontro consigo mesma. Esse desajuste provocado pelo não enquadramento gera a busca por uma identidade e um lugar que não existem. Nenhum lugar poderá oferecer o que deseja, pois ela já apresenta em si misturas culturais devido a sua história de vida traçada em cada lugar em que viveu. Passa a ser um sujeito híbrido e não se vê como pertencente a nenhuma cultura local. Daí o fato de estar sempre se deslocando para encontrar um lugar no qual se encaixe e que seja acolhida, porque o entrelugar cultural, no qual se dá conta que está inserida, não lhe é confortável.

O “desencaixe” cultural desperta na narradora-personagem a vontade de encontrar respostas para perguntas que ela não consegue responder, ou seja, a necessidade de “preencher as lacunas” para poder encontrar-se. A ânsia de descobrir suas raízes é tão grande que inclusive imagina como teria sido a vida de seus pais, seres deslocados territorialmente como ela, quando chegaram aos Estados Unidos e se eles passaram pelos mesmos conflitos identitários ao viverem em outro país. É por meio da genealogia, de saber por que seus próprios pais migraram de um país para outro, que acredita que encontrará a resposta para poder entender a si mesma: “*De golpe la pregunta de Alex me enfrentó a la terrible constatación de mi falta total de conocimiento sobre la vida de mis progenitores*”. (EL-KADI, 2012, p. 26)

Decide, então, perguntar a sua mãe, por que ela e seu pai foram viver em outros países, ou melhor, “*cómo llegaron donde llegaron (metafórica y literalmente)*” (EL-KADI, 2012, p. 26). Quando sua mãe lhe

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

escreve contando sua história, percebe que seus pais não enfrentaram as mesmas experiências, não tiveram nenhum conflito identitário, já que eles viveram em uma época diferente da sua, tinham outros pensamentos, ou seja, escreveram outra história diferente da dela.

No texto, o capítulo intitulado “El formulario” reflete a crise identitária pela qual passa a narradora-personagem. Nele, ela conta um fato que aconteceu no primeiro dia na universidade norte-americana. Precisava regularizar sua situação de estudante estrangeira e o atendente a mandou ao Departamento de “Human Resources” para preencher um formulário. Ao tentar preenchê-lo, ficou sem saber como fazê-lo, pois as opções que havia no formulário – referente à raça e à nacionalidade – não a definiam. Nenhuma delas se encaixava em sua identidade híbrida. Se dá conta de que o pertencimento (a raiz) que tanto buscava era imaginado, “nunca hubo origen” (TORO, 2010, p. 12). Seus pais e ela eram o que Fernando de Toro (2010, p. 11) explicita com o sentimento de “unheimlich”, – o não familiar, conforme cunhado por Freud –, ou seja, sujeitos sem raiz, nômades, cuja morada é sempre o presente. Portanto, após a constatação de que as definições pré-concebidas constantes no formulário e as culturas dos países nos quais havia vivido não a definem, a narradora-personagem decide deixar em branco as alternativas, pois, por primeira vez, vê o que realmente é: um ser sem raiz, híbrido e nômade.

Percebe que teria sido mais fácil para ela se tivesse agido com seus pais e vivido o dia a dia com as diferenças – de língua e de culturas – que encontrava, sem procurar semelhanças entre o “eu” e o “outro”. Tanto o formulário quanto o depoimento de seus pais fazem com que a narradora-personagem perceba que não há um lugar em que ela se encaixe justamente porque ela é o resultado dos múltiplos deslocamentos sofridos: uma subjetividade nômade que tem muitos lugares (muitas culturas) diferentes dentro de si. Não há uma nacionalidade específica que a defina e, portanto, após ler todo o formulário do “Humana Resources” acaba por afirmar que: “*mi documento era esa hojita que me entregaron en Human Resources y que no supe como marcar. Era esa hoja que dejé en blanco*” (EL-KADI, 2012, p. 35-36). Passando assim, a ter consciência do que não tinha antes: que possui uma identidade nômade, sem uma raiz fixa, cuja marca é hibridismo cultural. Os laços com o passado que ela buscava e as raízes familiares que ela tanto tentava encontrar nos países pelos quais passou não existiam.

No princípio do texto, antes de começar o relato de sua própria vida, a narradora-personagem comenta sobre um livro do autor chileno Rafael Gumucio, afirmando que “*Rafael Gumucio decía que una generación nunca recibe el mismo país que sus padres o abuelos vivieron*” (EL-KADI, 2012, p. 21). E na última página da narrativa, a autora, em um processo cíclico, remete ao início do texto, afirmando que “*los Estados Unidos que yo recibí de mi madre eran, también como el Chile de Gumucio, un espacio muerto*” (EL-KADI, 2012, p. 35). A raiz que ela tanto buscava por meio dos laços com o passado e as raízes familiares que tentava encontrar nos países pelos quais passou não existiam, porque as sociedades mudam com o passar dos tempos e cada um escreve sua história por meio das experiências da sua época. De modo que seus pais escreveram uma história diferente da sua, sem que inscrevessem uma identidade móvel, plural e nômade. Tais assertivas remetem à afirmação de Rosi Braidotti (2002, p. 4) que a

identidade não é compreendida como algo fixo, essência dada por Deus – do tipo biológico, psíquico ou histórico. Pelo contrário, identidade é um processo: é construída nos mesmos gestos que a colocam como ponto de ancoradouro de certas práticas sociais e discursivas.

Após essa constatação, a narradora-personagem desiste de sua busca por um pertencimento. A identidade que ela cria, por intermédio do convívio com o “outro”, não estabelece relação com nenhum lugar pelos quais passou, é o resultado de *todos* os lugares e não de apenas um.

A autora resiste à aculturação e adota uma subjetividade nômade que vai contra o pensamento de uma identidade hegemônica, de pertencimento a uma identidade fixa. Justamente como viveram seus pais, que “*no tenían raíces fijas en ningún lado*” (EL-KADI, 2012, p. 35). São livres porque aceitaram suas identidades híbridas e não negaram as interseções existentes entre as diversas culturas que traziam dentro de si por serem sujeitos fragmentados. Entenderam que uma cultura não se submete a outra, mas que é possível viver com as diferenças que mantém entre elas. Como a consciência nômade desconstrói a ideia de lugar, já que não pertence a um local fixo, o sujeito se torna mais tolerante às diversidades dentro de uma sociedade.

É preciso de fato que as sociedades contemporâneas se conscientizem de que são multiculturais e que não existe uma sociedade pura por mais que ela pense ao contrário. A impureza faz parte das nações modernas e uma das causas é a globalização. Os meios de comunicação e de transporte estão tão avançados que contribuem para as mudanças. Um

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

território impuro não está só ligado à cor da pele, mas também aos traços culturais como a mistura dos ritmos musicais e da língua.

Com o reconhecimento do multiculturalismo, não há o processo de aculturação, mas o de transculturação em que o sujeito negocia sua identidade, já que uma cultura não se impõe sobre a outra. Isso o torna um ser traduzido que não está preso ao passado porque se reconhece agora como um sujeito híbrido e único pelas experiências vivenciadas no seu tempo, sem sofrer julgamento de valor por isso. Exatamente o que acontece com a narradora-personagem do conto “Travesías”, que toma essa consciência no fim da narrativa.

Mis travesías habían sido una serie de intentos de recrearme maneras de ser que yo concebía como fijas, inventarme una sola raíz, dibujarme con una sola línea, prolija y sin quiebres. (...) Ni Brasil, ni Argentina, ni Egipto, ni Alemania, ni Italia me pertenecían ni me definían. Mi documento de extranjería tampoco era mi pasaporte con todas mis visas y sellos de entrada y salida. (EL-KADI, 2012, p. 35)

Só será possível se reconhecer como sujeito híbrido com a ruptura do binarismo “eu” versus “outro”, que as grandes nações de poder insistem em reafirmar em pleno século XXI. Aceitar o multiculturalismo é um grande passo para entender que uma sociedade é viva e que, por isso, está em constante transformação. Nenhum povo deve ser considerado inferior a outro. É preciso romper com o conceito de subordinação e marginalização onde o “pobre cosmopolita”, como definido por Silviano Santiago (2004, p. 45), é tentado a imigrar para os grandes centros urbanos para fazer o trabalho de mão-de-obra barata rejeitado pelos nacionais. Migram muitas vezes por não encontrarem em seu país de origem uma esperança de vida melhor.

5. A questão do não lugar

Na crônica “Travesías”, a personagem-narradora transita por vários “espaços públicos”. Segundo Zygmunt Bauman (2006, p. 104), os espaços públicos são lugares que as pessoas compartilham apenas como pessoas públicas, ou seja, nesses espaços, o indivíduo pode interagir socialmente sem que seja obrigado a “... retirar a máscara, soltar-se, expressar-se, confessar seus sentimentos, sonhos ou preocupações mais profundos”². Nesses espaços públicos as pessoas não interagem nem com o es-

² Tradução livre das autoras do trabalho.

paço e nem entre si. Nesses lugares, elas não precisam ser e, portanto, não demonstram subjetividades. São espaços que “criam tensão solitária” (AUGÉ, 2007, p. 87) e não induzem nem a relação nem a interação, pois o sujeito tem sua conduta em público limitada por um número reduzido de regras simples e de fácil aprendizagem que ele deve seguir.

No espaço público, as pessoas não são obrigadas a mostrar quem realmente são de fato. São apenas números, códigos, podendo interagir no lugar de forma superficial. Por se tratar de um lugar multicultural, essas pessoas em conflito se identificam porque não mostram seus medos e suas dúvidas. Nas narrativas contemporâneas é cada vez mais comum a escolha dos espaços públicos como local da ação, especificamente os que Marc Augé (2007, p. 71) denomina como os “não-lugares. Esses lugares estão sendo produzidos em um número crescente na sociedade moderna atual devido aos avanços tecnológicos.

Os não-lugares são locais propícios para ressaltar a busca e discussão sobre a identidade, visto que uma das questões que gera a crise identitária é o fato de a narradora-personagem andar por esses lugares e não criar elos nem com o espaço nem com os sujeitos que por ele transitam. Não são lugares reconhecidos pela memória, porque ela não viveu uma história nesses locais. Já a busca pelo “lugar” ocorre pela necessidade de criar raízes, de ter uma identidade. É no “lugar” que o indivíduo se encontra como sujeito, porque tem um passado com esse espaço. Ao contrário do “lugar”, o “não-lugar” não volta ao passado, não é histórico, visa os acontecimentos do presente e, por isso, não se relaciona com a memória.

Esse sentimento de não pertencimento que lhe causa os não lugares influi na relação entre a narradora-personagem e os espaços pelos quais ela convive. A falta de relação histórica e de relações identitárias com esses espaços são produtoras de solidão, de individualidade e de não pertencimento. Como não há identificação com esses lugares, passam a ser espaços de transição, de passagem, nos quais a narradora-personagem torna-se apenas mera espectadora, que vem e vai.

Os constantes deslocamentos geram na narradora-personagem uma discussão interior, o pensamento em si mesmo, por meio da exaltação das memórias. Apesar de ser um sujeito em trânsito, em movimento, encontra-se em uma imobilidade pelo fato de ser uma espectadora, de ver os fatos acontecendo naquele lugar e não se envolver com eles, porque não pertence àquele local, não pode romper as regras estabelecidas ali.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O não-lugar tem um sistema de organização e que, segundo Marc Augé (2007, p. 102), “não abriga nenhuma sociedade orgânica”, não hierarquiza, ou seja, não tem relação de poder. Dessa maneira, o indivíduo não tem origem e nem necessidade dela nesse lugar, ele é igual a qualquer pessoa. O não-lugar “só trata com indivíduos (clientes, passageiros, usuários, ouvintes), mas eles só são identificados, socializados e localizados (nome, profissão, local de nascimento, endereço) na entrada ou na saída”. (AUGÉ, 2007, p. 102)

Em “Travesías”, depois de viver um tempo na Espanha, a narradora-personagem decide regressar à Argentina, seu país de nascimento e lugar onde viveu durante muitos anos. Porém, vendo o momento político difícil pelo qual passava o país e as diversas causas pelas quais os argentinos lutavam, ela percebe que não foi um bom momento para o regresso. Isso ocorre pelo fato de ela não se identificar mais com esse lugar. Quando a narradora-personagem afirma que ser estrangeira nos Estados Unidos é complicado, também mostra que não constrói uma relação com esse lugar. A Argentina e os Estados Unidos passam a ser não-lugares, porque o que ela procura no momento é se encontrar como sujeito, encontrar um lugar onde se identifique e que não seja apenas uma informação a ser dada no formulário do “Human Resources”.

É inevitável a relação que o migrante faz do local no qual se encontra com sua terra natal, visto que “o nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes” (SAID, 2003, p. 49). Tal fato lhe traz conforto, sua pátria é um “lugar” e logo, há uma sensação de pertencimento. Porém, as heterogeneidades presentes nos não-lugares também estão presentes nas personagens da crônica. É possível verificar que a narradora-personagem e os seus pais perdem esse sentimento de pertença com os deslocamentos constantes que lhes definem.

Quando a narradora-personagem afirma que “*la verdad es que si me hubieran propuesto dar clases en Dzerzhinsk, por decir, compraba pasaje y firmaba contrato*” (EL-KADI, 2012, p. 27-28), mostra sua subjetividade nômade por não estar presa a nenhum lugar. Observa-se a falta de pertencimento não somente pelos deslocamentos territoriais, mas também pelo deslocamento cultural em que ela e sua família se encontravam.

Nuestro hogar, estaba claro, era distinto al de la mayoría. (...) Nosotros éramos cuatro gatos locos, pasábamos los veranos cerca de los Andes con nuestros abuelos maternos y los inviernos en las turbulentas calles de El Cai-

ro, comiendo palomas rellenas y maloheia. Nuestros padres hablaban otras lenguas. En casa se oía Tchaikovsky y Mozart. Crecimos sin dioses y vivíamos como habitantes de una isla babélica en pequeña escala. (EL-KADI, 2012, p. 22-23)

É possível verificar, pelo fragmento destacado, o hibridismo cultural presente nos pais da narradora-personagem. Assim como eles, ela tampouco tem uma origem fixa. A característica nômade, resultado dos constantes deslocamentos, marca essa mestiçagem cultural presente nela e em seus antecessores. “*No se trata de una tercera cultura que surja del encuentro de una o más culturas, sino más bien la producción cultural simultánea que se interrelaciona en ese continuo contacto entre culturas*”. (TORO, 2010, p. 11)

Devido à herança nômade (que remete ao título do subcapítulo “La herencia”), a escritora não consegue se encontrar em nenhum lugar, se sente deslocada no Brasil, local de nascimento e onde passou a infância e parte da adolescência, como se estivesse constantemente atravessada pelos não lugares. Os hábitos religiosos, musicais, culinários que tinham as famílias de Ilhéus/Bahia, lugar onde nasceu, eram bem diferentes dos quais convivia, pois “*pasaban las vacaciones y feriados largos en sus fazendas; almorzaban feijão, arroz y farofa; en sus casas se escuchaba samba, pop y rock n’ roll; eran católicos que iban a terreiros; y hacían ofrendas a los orixás*”. (EL-KADI, 2012, p. 22)

6. Conclusão

Os constantes deslocamentos, sejam reais ou virtuais, estão mudando o pensamento e o comportamento humano, pois favorecem o processo de hibridização e tal fato, tem se refletido nas artes contemporâneas. Estas, de uma maneira geral, acabam sendo o caminho adotado para uma prática política e social. Desestabilizam as noções de poder e mostram as histórias dos indivíduos deslocados e marginalizados do mundo atual. Tiram esses seres – inclusive a mulher – da invisibilidade e dão voz a eles, ressaltando as contradições do mundo cosmopolita e globalizado na figura feminina desterritorializada. Essas contradições deslocam a narrativa – e muitas outras de autoria feminina – do espaço privado para o público, ou seja, do lar para os espaços urbanos cosmopolitas e permitem compreender as divergências do sujeito feminino.

A narrativa de Aileen El-Kadi, “Travesías”, aborda essas questões. O sujeito feminino da narrativa está tangenciado pelas relações di-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

aspóricas, provenientes dos processos de desterritorialização de seus pais e de si própria, que levam à construção de uma subjetividade nômade. Os indivíduos deslocados, representados pela narradora-personagem e seus pais, se reconhecem como sujeitos híbridos, que necessitam sempre negociar com as diversas culturas pelas quais transitam.

O relato também expõe a conscientização da narradora-personagem de que as identidades estão sempre em processo de movência e que não há, portanto, nem uma identidade, nem uma cultura fixa, porque em uma realidade em constante movimento, todos estão sujeitos a mudanças, assim como o “eu” e o “outro”. Nesse contexto, torna-se um sujeito que desconstrói a identidade homogeneizante preestabelecida pela pertença única e que almejava para si e adquire, como consequência dos deslocamentos e dos contatos com as diferenças, uma subjetividade nômade e traduzida que reflete a multiplicidade de seus pertencimentos e as heterogeneidades presentes em seu ser.

Os constantes deslocamentos acabam por modificá-la. Percebe que esses não possuem uma proporção negativa em sua vida. Ao contrário, são elementos que contribuem para que sua visão abranja a diversidade cultural e conscientize-se que os espaços de transição requerem negociações identitárias constantes, de modo que a sua identidade se constrói no entrelugar gerado pelos contatos espaciais e multiculturais entre ela mesma e o Outro. Conscientiza-se da importância da visão transcultural adquirida com os múltiplos deslocamentos, pois é por meio do contato com o “outro” que acaba por conhecer o próprio “eu”. Sabe que existem diferenças, aprende a aceitá-las e a conviver com sua herança nômade, pois o seu “lugar”, não está senão dentro de si própria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÉ, Marc. Dos lugares aos não-lugares. In: _____. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad.: Maria Lucia Pereira. 7. ed. Campinas: Papirus, 2007, p. 71-105.

BAUMAN, Zygmunt. Espacio/Tiempo. In: _____. *Modernidad líquida*. Trad.: Mirta Rosemberg. 5 reimpr. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2006, p. 99-138.

BERND, Zilá. Colocando em xeque o conceito de literatura nacional. In: CARRIZO, Silvina Liliana; NORONHA, Jovita M. Gerheim. (Orgs.).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Relações literárias interamericanas: território & cultura. Juiz de Fora: UFJF, 2010, p. 13-22.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, diversidade e subjetividades nômades. *Labrys. Estudos feministas.* Brasília/UNB, num.1-2, junho-dezembro 2002. Disponível em: <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em: 25-03-2013.

EL-KADI, Aileen. Travesías. In: EL-KADI, Aileen; FONSECA, Diego. *Sam no es mi tío: veintidós crónicas migrantes y un sueño americano.* Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2012, p. 21-36.

FIGUEIREDO, Eurídice. Literatura mestiça, literatura transnacional, literatura de migrância. In: _____. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2010, p. 26-42.

IANNI, Octavio. A metáfora da viagem. In: _____. *Enigmas da modernidade- mundo.* 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 11-32.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. O cosmopolitismo do pobre. In: _____. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural.* Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 45-63.

TORO, Fernando de. El desplazamiento de la literatura, la literatura del desplazamiento y la problemática de la identidad. *Extravío. Revista Electrónica de Literatura Comparada*, n. 5. Universitat de València, 2010. Disponível em: <<http://www.uv.es/extravio>>. Acesso em: 05-08-2012.